



# **AQUISIÇÃO DE L2 E IDENTIDADE: UMA REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE A (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO FALANTE-APRENDIZ**

Luana Anastácia Santos de Lima

## **Resumo**

Considerando a língua como fator social e indissociável da identidade cultural de seus falantes, o presente artigo tem como objetivo levantar uma discussão teórica sobre a influência que a aquisição de L2 exerce no processo de constante (re) construção dessa identidade cultural do falante-aprendiz, visando, desta forma, destacar alguns aspectos relevantes desse processo, tais como, língua enquanto fator de identidade cultural, permeada pela aquisição de uma segunda língua. Para tanto, ecoamos as vozes de autores como Ellis (1997), Ré (2006), Cook (1993), Hall (2000), Oliveira (2007) e Ortiz (2006), com a finalidade de pontuar questões acerca de língua, identidade cultural e aquisição de L2. Para finalizar, serão expostas as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

**Palavras-Chave:** Aquisição. Língua. Identidade Cultural.

## **INTRODUÇÃO**

Os estudos envolvendo aquisição de linguagem, sobretudo aquisição de uma segunda língua pode ser considerado como algo relativamente novo, no âmbito dos estudos linguísticos.

De acordo com Ellis (1997, p. 3), o “estudo sistemático de como as pessoas adquirem uma segunda língua (geralmente referido como L2) é um fenômeno recente, pertencendo à segunda metade do século XX”, e que pode ser definido como a forma a qual as pessoas aprendem uma língua, que não sua língua materna, dentro ou fora da sala de aula.

Contudo, não se pode ignorar que esse processo de aquisição acontece, geralmente, carregado de novidades para o falante-aprendiz, o qual está internalizando não somente um novo sistema linguístico, mas recebendo influências de uma nova cultura, que irá lhe proporcionar novas experiências e influenciar suas crenças, comportamentos, atitudes e, sobretudo, sua identidade. Todos esses fatores, inevitavelmente, afetarão esse sujeito,



contribuindo para uma (re)construção da identidade cultural desse indivíduo, uma vez que a identidade se forma através da língua.

Tendo em vista esta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo discutir e levantar alguns pontos sobre a influência que a aquisição de L2 exerce no processo de constante (re) construção da identidade cultural do falante-aprendiz, visando, desta forma, destacar alguns aspectos relevantes desse processo, tais como, língua enquanto fator de identidade cultural, permeada pela aquisição de uma segunda língua.

## **1. AQUISIÇÃO DE L2 E IDENTIDADE CULTURAL**

O interesse acerca da aquisição de L2 se deu, inicialmente, através da contribuição de psicolinguistas, sendo mais tarde expandido para diversas outras áreas como a Sociolinguística, entre tantas outras. Porém, inicialmente, os estudos<sup>1</sup> desenvolvidos neste sentido eram voltados para a área das Linguísticas Aplicadas dos anos 1950 e das Psicologia, influenciados, a priori, pelas teorias Behavioristas e Vygotskianas, respectivamente (RÉ, 2006, p. 101).

Neste panorama, não se pode deixar de atentar para o fato de que a aquisição de uma L2 sempre foi considerada um processo complexo, o qual envolve vários fatores, não apenas de ordem linguística, mas, social, cultural, identitário, entre outros. De acordo com Cook (1993, p.2), durante este processo, a pessoa está lidando com duas línguas, onde o conhecimento de duas gramáticas e duas culturas diferentes, está presente na mesma mente tornando-se mais difícil de ser manipulado pelo aprendiz e facilitando, portanto, a influência, em todos os sentidos, de um sistema no outro, atingindo, fatalmente, dentre outros aspectos, sua “primeira” identidade, advinda da língua materna.

É importante ressaltar que essa influência é quase que inevitável, pois a L1 caracteriza-se como um sistema primário constitutivo de um falante, o qual se configura como base de sua estruturação psíquica e identitária, sendo capaz de sofrer, posteriormente, modificações através das bases adquiridas por uma outra língua. Pereira de Castro (1998) reforça esta ideia, mostrando que a L1 torna-se um elemento latente na relação com qualquer L2, ao passo que esta última passa a ser caracterizada como traço da relação inconsciente com a língua materna do indivíduo.

---

<sup>1</sup> Destacamos, neste sentido, os estudos de Skinner (1957) e Vygotsky (1988).



Diante desse cenário, acredita-se haver uma relação de biunivocidade estabelecida entre L1 e L2, na qual Gueva (2006) argumenta que determinados processamentos aplicados em ambas as línguas são responsáveis pela transferência de habilidades não só da L1 para L2, mas também da L2 para L1, de forma a mostrar a relação mútua existente entre ambas. Esta relação intrínseca atingirá, dentre outros aspectos, a identidade cultural do indivíduo.

Dessa forma, fica evidente que o sistema primário, por sua vez, é evocado pelo aprendiz durante o processo de aprendizagem de uma L2, já que, ao longo do desenvolvimento de uma segunda língua, são essas bases que solicitamos. Porém, um dos resultados desse processo de reciprocidade entre as duas línguas é um constante embate entre aspectos diversos de ambos os sistemas, que levará o falante a internalizar elementos da L2 e, a partir de então, ressignificar elementos primários da L1, tais como sua própria identidade cultural.

Nesse contexto, pode-se afirmar que os efeitos aquisição da L2 transcendem o campo linguístico, perpassando aspectos culturais e identitários. A esse respeito, Brown (1986) advoga que o aprendizado de uma segunda língua implica, de alguma forma, na aquisição de uma “segunda” identidade, uma vez que, em meio a esse processo, o falante-aprendiz já tem construído/estruturado sua “primeira” identidade advinda da língua materna, através de suas experiências com a mesma. Contudo, isso não significa que esse falante entrará em conflito com uma “crise identitária”, mas que ele aprenderá administrar ambas as línguas como sistemas que o identifica.

Diante desse contexto, entende-se, portanto, que o sujeito não abrirá mão de sua identidade como falante da língua materna, mas que, durante o processo de aquisição de L2, poderá agregar elementos a esta, de forma a modifica-la. Assim, este aprendiz será capaz construir uma nova identidade com base nos dados internalizados da segunda língua, que resultará numa constante reconstrução dessa primeira, sempre buscando ressignificá-la.

Nesta perspectiva, Oliveira (2007, p. 12) advoga que:

[...] esta identidade não deve ser vista como algo completo e terminado ou definitivo. Ela está continuamente em estado de transformação e está sendo reconstruída a cada momento, na medida em que encontra novos valores, novas formas de ver o mundo [...] ou a cada nova língua que aprende. Isto não quer dizer que não temos uma identidade, mas que nossa identidade não pode ser interpretada de forma monolítica, como algo definido e imutável.



Assim, a partir da fala de Oliveira (*op. cit.*), entendemos que a identidade cultural do falante não é algo totalmente acabado, podendo, portanto, ser reconstituída a partir das novas experiências vivenciadas pelo mesmo, por meio da exposição à nova língua. Logo, é natural que imerso em um processo de aquisição de L2, o falante-aprendiz incorpore elementos que interfiram em sua identidade cultural.

Esta proposição nos remete ao pensamento de De Lemos (2002), a qual considera o sujeito como efeito da linguagem. De forma mais específica, ela acredita em uma concepção de sujeito posicionado face a linguagem como objeto de conhecimento a ser aprendido ou construído. Consequentemente, todas as nuances desse sujeito, também serão afetadas por essa linguagem, sofrendo uma espécie de mutação.

O mesmo acontecerá com a identidade cultural desse indivíduo, que, de forma semelhante, será efeito dessa linguagem e sofrerá intervenções dessa língua, seja ela a L1, em um primeiro momento, ou a L2, posteriormente, ora mais evidente, ora mais tímida, uma vez que, em determinados estágios de sua vida, ele reconhecerá que há uma parte dessa identidade mais profunda que emergirá sobre as demais.

Em suas reflexões acerca da linguagem, Koch (2007, p.17) reitera essa perspectiva, enfatizando a necessidade de compreendermos a língua como um sistema intersubjetivo, o qual reflete a identidade do falante. Além disso, a autora ratifica essa via de mão dupla estabelecida entre língua e identidade cultural, já que a língua se representa na identidade cultural e a identidade cultural se (re)constrói a partir da língua.

Todavia, faz-se necessário esclarecer que o falante-aprendiz de L2 é caracterizado como um ser único, o qual poderá ter sua identidade cultural modificada de forma natural e sem crises, durante o processo de aquisição. Para tanto, esse aprendiz estabelece novos parâmetros linguísticos, culturais e identitários, que passam a ser integrados aos já existentes (OLIVEIRA, 2007).

O processo que ocorrerá será, de certa forma, semelhante ao processo de aprendizagem da L1, em que muitos conceitos estabelecidos no seio familiar e bem presentes/firmes em sua bagagem cognitiva, são parcialmente desconstruídos, de forma a interferir na constituição de sua identidade, sendo ressignificados para esse sujeito. De fora construído anteriormente, mas integra uma constante (re)construção desses parâmetros, não devendo ser considerada como algo negativo, mas como um gatilho despertador para o indivíduo, cada vez mais, aprender sobre si mesmo.



## 2. LÍNGUA ENQUANTO FATOR DE IDENTIDADE CULTURAL

A partir do princípio de que a língua é um dos instrumentos mais fortes de identificação do falante, podemos afirmar que sujeitos sociais estão passíveis a um reordenamento de trocas linguísticas, identitárias e culturais, estando sujeitas à modificação, de acordo com as experiências linguísticas desses falantes.

Desta forma, a linguagem vem corroborar o alargamento das múltiplas possibilidades de interação intersubjetiva, a qual, sendo um mecanismo constitutivo de comunicação, torna-se um elemento de subjetividade dialógica entre os participantes envolvidos nas práticas sociais de interação, bem como de (re)construção da identidade dos indivíduos-falantes, nesse processo.

Segundo Bonte e Izard (1992, p. 188), a cultura tem sido considerada como “uma relação entre o estado de uma tradição, de uma aquisição social e de um processo individual de aquisições intelectuais e morais”. Logo, acredita-se na possibilidade de “convivência pacífica” entre tais fatores, mesmo pertencentes à culturas divergentes, os quais agregarão elementos a uma dispositivo cognitivo maior e inato do falante, capaz de abranger diferentes aspectos de línguas e culturas, além de transpor sua identidade, mas que em algum momento, sinalizará uma parte que transcenderá a soma de todas as outras.

Portanto, todos os fatores divergentes, citados anteriormente, podem servir, sem dúvida, para um intercâmbio de enriquecimento ideológico e social, através das trocas multiculturais, sem, necessariamente, caracterizar prejuízo para a identidade do falante.

Essa pressuposição nos leva a afirmar que, inicialmente, diante de duas realidades linguísticas distintas, tais como L1 e L2, teremos uma heterogeneidade cultural em relação a essas comunidades não-semelhantes e, conseqüentemente, um possível choque de identidade. Mas, a partir de um maior contato e conhecimento dos participantes sobre essa cultura distinta, é possível ocorrer, uma espécie de homogeneização cultural, em que o sujeito social começa a incorporar não apenas a língua, mas costumes, hábitos e crenças, tornando, dessa forma, preceitos anteriormente distintos em regras sociais que são abarcadas em sua identidade.

Esse poder da língua como representação da identidade cultural do falante possibilita ao mesmo transitar por vários aspectos, modificando sua forma de conceber o mundo





e tudo que lhe pertence, entre os quais, (re)significar sua própria língua e identidade cultural, constantemente. Assim, é possível afirmar que, além da identidade, a visão de mundo de cada indivíduo tem, também, a possibilidade de ser modificada a partir do contato com uma nova cultura.

O sujeito se constrói através das identidades que assume, e, sendo a língua um fator histórico, social e simbólico de identidade nacional, logo, exerce um papel crucial na (re)construção da identidade do mesmo.

Essa transposição de ideologias acerca da língua e da cultura ocorre porque nos identificamos com essa “nova” cultura e passamos a enxergá-la como sendo um elemento que está inserido em nossa perspectiva sociocultural.

Nesse sentido, da mesma forma que Ortiz (2006, p. 8), acreditamos que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior”, de forma que acabamos universalizando os nossos pensamentos e fazendo uma releitura de nossas concepções e, conseqüentemente, da nossa identidade.

#### **4. METODOLOGIA**

Por ser um trabalho de caráter teórico, para a sua estruturação, nos utilizamos de uma metodologia qualitativa de cunho descritivo, em que buscamos enfatizar a relação entre a aquisição de L2 e o processo (re) construção da identidade cultural do falante-aprendiz. Dessa forma, fez-se necessário estabelecer uma compreensão mais acentuada entre essas duas instâncias, a partir de um extenso levantamento teórico, com diferentes interpretações para a temática abordada.

Para tanto, procedemos à revisão bibliográfica, trazendo à tona variados pontos de vista teóricos para fundamentar nossa discussão. A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2008) advoga que a pesquisa de caráter qualitativo procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um determinado contexto e que auxiliam na construção e aperfeiçoamento das teorias sobre organização social. Além disso, não procura observar a influência direta de uma dada variável em relação à outra, mas procura explicar o processo que ocorre em um determinado ambiente.



## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

De forma geral, diante das discussões implementadas anteriormente, percebe-se que o mundo se apresenta de diferentes formas, de acordo com diferentes culturas. Assim, de forma interessante, entende-se que a maneira como cada grupo vê o mundo representa parte da percepção que seus membros têm da realidade na qual vivem, a partir da cultura com a qual estão tendo contato, o que exerce uma forte influência na (re)construção da identidade cultural desse grupo.

Para tornar mais clara esta discussão, Hall (2000, p.13) dialoga que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”, mas que lhe são “convenientes”, em um dado momento da sua vida. Isso porque o sujeito está cercado por novas culturas, absorvendo-as quase por “osmose”. Isso acontece pelo fato de as interações humanas criarem um ambiente propício para a troca de saberes entre as comunidades culturais, interferindo, nesse contexto, na construção de conhecimento e identidade coletiva que levam ao desenvolvimento e modificação de atitudes crítico perceptivas.

Diante disto, podemos afirmar que as diversas culturas podem ser usufruídas coletivamente sem que haja uma proibição do sujeito de possuir outra cultura, ou seja, a sua cultura de origem, em momentos distintos, e esse fato faz com que “não exista uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, todas mediadas pela língua (ORTIZ, 2006, p. 8).

Nesse sentido, Hall (2000, p. 16) destaca que “se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu”.

A partir desse raciocínio, corrobora-se que a crença de uma identidade cultural unificada resulta de um pensamento multifacetado, pois a partir do momento em que o sujeito se relaciona com múltiplas instâncias sociais, ele sofre modificações e, conseqüentemente, mudanças na sua rede cultural, criando, assim, uma infinita representação cultural, mas não perdendo totalmente sua identidade de origem.

Nesse contexto, é impossível não constatar que um dos fatores responsáveis por tal processo é a língua, seja esta a L1 ou L2, a qual funciona como um instrumento mediador entre instâncias sociais e as mudanças que ocorrem no meio cultural e identitário do falante, passando, assim, a diversificar as atividades desenvolvidas por ele. É assim que ocorre, de certa forma, quando se desenvolve o caráter bilíngüe e se tem acesso a uma L2. O falante-aprendiz



não perde sua identidade nativa, mas agrega muito da cultura estrangeira à reestruturação identitária.

A este respeito, ecoamos Bronckart (2003, p. 37), o qual afirma que “o homem só tem acesso ao meio no quadro de uma atividade mediada pela língua”, isto é, este meio ao qual o autor se refere, constitui, justamente, as várias atividades sociais que um indivíduo pode desenvolver em determinados contextos e que constituem sua identidade e que serão sempre mediados pela língua.

Assim, percebe-se a todo tempo a relação intrínseca entre cultura e identidade mediada pela língua.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todas estas discussões empreendidas no presente trabalho, pode-se perceber o poder da influência que o processo de aquisição de uma segunda língua irá exercer na constante (re)construção da identidade cultural do falante-aprendiz. Essa (re)construção ocorrerá em dupla via, pois ao passo que o falante constrói uma nova identidade com base na L2, ele reconstrói e ressignifica a identidade construída com base em suas experiências com a língua materna.

Neste trabalho, foi possível refletir sobre o papel crucial que língua e cultura terão na formação da identidade cultural do indivíduo e como essa relação o fará aprender mais sobre si e sobre conceitos antes considerados imutáveis, não devendo ser considerado com algo negativo, ou anulação de sua identidade.

É interessante considerar que, em meio a essas discussões, fica evidente que cultura, língua e identidade estão interligadas, não são estáticas e, portanto, a todo tempo estarão em fase de (re)construção, modificando também a visão de mundo do indivíduo.

Contudo, é certo que o presente trabalho é apenas um recorte teórico do que as áreas de Aquisição da Linguagem e Identidade Cultural abrangem e dos possíveis diálogos que elas possibilitam, buscando crescer aos que já trazem suas contribuições a tais áreas. Porém, muito se tem a pesquisar e discutir nesse sentido, para que possamos ter uma gama maior de trabalhos para colaborar com as questões levantadas.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONTE, Pierre; IZARD, Michel. **Dictionnaire de 1' ethnologie et de 1' anthropologie.** Paris, 1992.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.* São Paulo: Parábola, 2008.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo.** São Paulo: EDUC, 2003.

BROWN, H. D. Learning a second culture. In: VALDES, Joyce M (Ed.). **Culture bound.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 33-48.

COOK, Vivian. *Linguistics and Second Language Acquisition.* London: The Macmillan Press, 1993.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. **Sobre o estatuto linguístico e discursivo da narrativa da fala da criança.** UNICAMP – Campinas, SP, 2002.

ELLIS, Rod. *The study of Second Language Acquisition.* Oxford: Oxford University Press, 1997.

GEVA, Esther. Learning to read in a second language: Research, implications, and recommendations for services. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. *Encyclopedia on Early Childhood Development* [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 3ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo; Contexto, 2007.



OLIVEIRA, Adelaide P. de. **O desenvolvimento de competência comunicativa intercultural do ensino de inglês.** Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. **Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança.**  
In: Letras de Hoje. Porto Alegre. V. 33, n.2. 1998.

RÉ, Alessandra Del. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística.* São Paulo: Contexto, 2006.